

NUNES, Ruy Afonso da Costa. *História da educação na Antiguidade Cristã: O pensamento educacional dos mestres e escritores cristãos no fim do mundo antigo*. 2. ed. Campinas: Kírion, 2018, 307p. ISBN: 978-85-94090-04-1.

O Autor, falecido em 2006, foi bacharel e licenciado em filosofia, doutor em ciências da educação e livre-docente de filosofia da Faculdade de Educação da USP, catedrático de filosofia do Instituto Dr. Júlio Prestes de Albuquerque, professor fundador da antiga Faculdade de Ciências e Letras de Sorocaba e membro da Academia Sorocabana de Letras. Publicou obras sobre filosofia e educação, além de ensaios e artigos para os principais jornais e revistas de seu tempo.

A segunda edição vem a lume 40 anos depois da primeira. Trata-se de uma segura fonte histórica, disposta em estruturada classificação que, por sua vez, varia de acordo com personagens importantes da educação, regiões ou mesmo períodos históricos que marcaram de modo indiscutível os povos e a cultura antiga, por influência do Cristianismo.

A obra em apreciação reúne inúmeras descrições sobre o método de ensino utilizado por autores durante o período da Antiguidade Cristã (entre os séculos II e V). Oferecendo uma noção de circunstância, tempo e espaço ao introduzir cada tema, o Autor torna a leitura facilitada até para leigos na matéria. E essa foi precisamente a

intenção de Nunes, conforme enuncia no prólogo (p. 13).

Já o primeiro capítulo descreve os primórdios do Cristianismo, por meio do método de ensino propagado pelos Apóstolos, isto é, a pregação nas praças. A teologia cristã iniciou-se baseada no grego *koiné* de São Paulo; mais tarde, em meados do século II, o latim começou a sobrepujá-lo. O Autor ainda realiza uma síntese das heresias do tempo, que acabaram contribuindo para a formação do *corpus* doutrinário da Igreja. Do ponto de vista político, ressalta-se a liberdade religiosa concedida pelo *Édito de Milão* em 313. Outro grande dilema foram as tentativas de fusão da filosofia antiga com o Cristianismo. A seguir Nunes destaca o desejo dos Padres Apostólicos de instruir na moral e na catequese. Essa realidade é demonstrada na análise de algumas obras da época: “Tanto a *Didaqué* como a *Carta de São Clemente aos Coríntios*, a *Carta de São Policarpo aos Filipenses* e a *Carta de Barnabé* contêm idêntica expressão: educar os filhos no temor do Senhor, no temor de Deus” (p. 39), o que se contrapõe à metodologia de Juliano, o Apóstata, que admitia, no exercício da docência, apenas os mestres de crença pagã baseada na mitologia amoral e sectária (cf. p. 52-53).

O capítulo segundo propõe um estudo aprofundado sobre o procedimento educacional para o catecumenato nos entornos do século II, com base no próprio preceito de Cristo no dia da Ascensão: “Ide, pois, ensinai a todas as nações”. Ao descrever sua origem, remonta à *Didaqué*. Existe também uma obra legada pela *Tradição Apostólica* de Santo Hipólito de Roma, redigida por volta de 215 (p. 63). São Cirilo de Jerusalém ganha destaque neste momento, por sua consideração e desvelo para com os catecúmenos, cuja instrução deveria ser gradual. Após ser narrado o ilustrativo episódio do depoimento de Etéria, tomam lugar os registros e ensinamentos de Santo Ambrósio, São João Crisóstomo e Santo Agostinho e a conduta deles para com a catequese (palavra que significa transmissão a viva voz, oral).

O capítulo seguinte oferece referências à pedagogia de Clemente de Alexandria numa larga descrição biográfica. Comenta ainda sobre a relação do *Logos* com a cultura. A seguir, Nunes parte para a consideração de dois pressupostos importantes para a compreensão da didática nas obras clementinas: a *paideia* como “ideal de educação do homem completo, bem desenvolvido física e espiritualmente” (p. 86) foi assumida, aprimorada e cristianizada por Clemente; em segundo lugar, sua consideração pelo “papel constitutivo e primacial do *Logos* na

ordem universal do cosmos” (p. 88) herdada de São Justino.

A seguir, trata a respeito das obras de Clemente, em primeiro lugar, o *Protréptico*, gênero literário antigo que adquire em sua pena o caráter de exortação aos pagãos, “à conversão à religião cristã, depois de lhes demonstrar a vacuidade e os absurdos das credices mitológicas e dos enganos dos filósofos” (p. 90). O Autor ainda analisa o *Pedagogo*, no qual o mestre alexandrino realiza uma “admirável transposição semântica do termo” (p. 97) que dá nome ao livro, aplicando-o “ao próprio *Logos*, o Filho de Deus feito Homem, Nosso Senhor Jesus Cristo, [...] que quer salvar-nos e conduzir-nos à perfeição e, com esse fito, realiza um belo e eficaz programa educacional” (p. 97). Alerta para o papel da moralidade na educação, evitando, por exemplo, fanfarronices, conversas obscenas, caçoadas; e também do papel da boa disposição física (repouso adequado) e do pudor. Terminada essa consideração, Nunes passa ao apreço de outro precioso labor, os *Estrômatos*, que entesoura diversas verdades misturadas com dogmas de filosofia, ou envolvidas e recobertas por eles (p. 129).

A biografia de Orígenes, discípulo de Clemente, tem lugar no quarto capítulo, principalmente sob o enfoque de Eusébio de Cesareia, que a narra na *História Eclesiástica* (p. 150-161). No capítulo seguinte, o Autor continua a analisar a sua biografia, utilizando-se do

testemunho de Gregório de Neocesareia para apresentar o *modus docendi* origeniano: “Orígenes não fazia como os filósofos, que apenas discorriam sobre a ciência das virtudes sem se esforçarem por praticá-las; antes, exortava os discípulos às ações convenientes, e fazia essa exortação mais pelos seus próprios atos, pela sua conduta, do que por suas palavras” (p. 166).

Seguindo a cronologia, Nunes proporciona um apanhado pontual, mas muito claro e conciso, sobre o empenho educacional de São Basílio, demonstrando com diversos fatos que figuram a título de exemplos e metáforas (muito apreciados, aliás, pelo santo). Para ilustrar o tema, isto é, a leitura de autores profanos, o Autor insere esta figura: “Devemos utilizar as obras dos poetas, diz São Basílio, tal como as abelhas, que não se dirigem a todas as flores, mas tratam de tomar, às que preferem, o que é útil ao seu trabalho. Assim também devemos agir: procederemos como sábios, se recolhermos das obras dos poetas e prosadores o que foi útil e conforme a verdade” (p. 172). Ele também dá importância à vida virtuosa pela denominada “purificação da alma” (*catharsis dé psychês*).

Sobre São João Crisóstomo, Doutor de Antioquia, cognominado “Boca de Ouro” – por ser o mais eloquente dos padres antioquenos –, Nunes traz um apurado ensinamento sobre a educação infantil, principalmente em seu tratado

Sobre a vanglória e a educação dos filhos, não sem antes fornecer uma síntese da matéria presente em outras obras. À guisa de exemplo, oferece-se a seguir uma curta explanação de um trecho do supramencionado tratado, acerca da concupiscência: “Esse vício só pode ser combatido pela aquisição da virtude da temperança, que deve exercer dupla função: primeiro, o menino não deve ser em si mesmo objeto de fornicção e, depois, não fornicque com as mulheres. Mas que freio colocar nessa fera, como acorrentá-la? ‘Não conheço outro, diz o santo, senão o pensamento do inferno’” (p. 193-194). Em outra obra, defende que a verdadeira instrução é o temor de Deus.

No oitavo capítulo, o Autor oferece os aportes de São Jerônimo à educação feminina, contidos em seu rico epistolário, composto, entre outras, pela insigne Carta 22, à jovem Eustóquia, com um tratado “sobre a virgindade, a sua beleza, a sua honra e o seu altíssimo significado para a vida espiritual” (p. 207-208). Entre suas exortações destaca-se a seguinte: “*Crebius lege et disce quam plurima*” (lê com frequência e aprende o máximo).

Santa Marcelina é focalizada no capítulo IX. Irmã mais velha de dois bem-aventurados, São Sático e o grande Santo Ambrósio, serviu-lhes de educadora, após o falecimento de seu progenitor. O Bispo de Milão dedicou o terceiro livro de seu tratado sobre a virgindade à consideração dos conselhos

conferidos pelo Papa Libério a ela, no momento de sua profissão (p. 231-232).

Finalmente, no último capítulo, o Autor dedica sua atenção ao maior pensador cristão do mundo antigo, Santo Agostinho, tratando de sua prolífica literatura sobre a temática educacional cristã, em especial a contida no tratado *De Doctrina Christiana*. Nunes considera o Hiponense um verdadeiro baluarte da pedagogia, cujo mérito foi, principalmente, estabelecer uma ponte entre o mundo antigo e a sociedade medieval: “O que ele fez em matéria de cultura e pensamento cristão foi elaborar com mais apuro e sistematizar com empenho as concepções culturais e educacionais dos Santos Padres, legando dessa forma um verdadeiro patrimônio intelectual, um autêntico ideário pedagógico, a nova idade que logo se abriria, a saber, a Idade Média” (p. 238).

A conclusão retoma oportunamente todos os aspectos relevantes de cada capítulo, proporcionando uma visão não somente retrospectiva, mas acertadamente comparativa entre aqueles que, de um modo ou de outro, buscaram outorgar às gerações subsequentes suas doutrinas e ensinamentos. De maneira muito lógica,

Nunes induz o leitor à proposição de suas próprias conclusões, pois, na análise, ora indica os pontos falhos e rejeitáveis de doutrinas ou métodos errôneos, ora faz ressaltar os bons e construtivos estilos de docência.

Este primeiro tomo da Coleção Ruy Nunes revela a profunda qualificação acadêmica, pedagógica e científica do Autor que, como não poderia deixar de ser, reflete em sua metodologia uma noção cabal das realidades históricas, literárias e filosóficas dos antigos. Percebe-se que ele foi sincero admirador dos egrégios autores patrísticos e, por isso mesmo, fiel imitador da sua didática. Seu estilo é agradável e sua bibliografia vasta e substanciosa.

Cabe-nos, por fim, fazer nossas as palavras do historiador, quando deseja elogiar o infatigável labor de São Basílio: a obra *História da Educação na Antiguidade Cristã* “possui valor perene para os estudiosos cristãos, especialmente para os jovens que começam a explorar na adolescência, com seu espírito crítico e inquieto, o mundo maravilhoso das letras e o repousante jardim da cultura” (p. 175).

Marcelo Soares Teixeira da Costa
(IFAT)